

MÉDICOS E SACERDOTES...REDESCOBRINDO A ALEGRIA

Antonio Carlos Guerra da Cunha*

Vai longe o tempo em que Rubião Meira pranteava seus “Médicos de Outrora” e Oscar Freire bradava em seu sotaque baiano, na cátedra da São Francisco, sobre a nobreza da profissão em que pontificaram os nossos maiores vultos de cultura e humanidades.

Francisco de Castro, “o divino mestre”, foi o modelo da medicina ensinada e praticada como verdadeiro sacerdócio. Miguel Couto e Arnaldo de Oliveira vivenciaram em nossa terra bandeirante, o lema inexaurido que hoje se repete apenas nos mortifícios saraus dos mais idosos e saudosistas espécimes das antigas gerações: “*A medicina não está toda contida na bondade... mas de nada vale sem ela*”.

Com efeito, no contexto educacional que sombreia nosso continente de miséria, são poucas as luzes que refletem a chama do sagrado. Uma prática *sacer-dotal* implica um contato profundo com o transcendental. Requer uma religação ao divino que habita as profundezas do nosso ser e que se chama, singelamente, *religio*.

Médicos dotados desta sacralidade, rareiam em nossos dias, muito mais por falta de ambiente do que por falta de vocação... de chamado. Quiçá num Brasil velho, aí pelos anos 2000, os médicos reencontrem seu destino de serviço e realização pessoal, numa nova modalidade de sacerdócio e de solidariedade.

Por ora, na marola de pífios curandeiros, a nave hipocrática procura seu *iceberg* fatal. Muitos são os que voltaram às práticas da medicina sacerdotal, nos moldes da que se realizava na aurora dos tempos e na semi obscuridade das cavernas (ou dos gabinetes administrativos). Outros, fixados na mística medieval, procuram um passe de mágica para reeditar o milagre da cura, pelo toque das mãos do Rei, ou talvez, das de um iracundo e mau humorado governador.

Poucos ainda se dão conta de que o médico é chamado ao

amor universal e à fraternidade, sem limites. Mas destes, há ainda um bom número que consegue ser *sal da terra e luz do mundo*... Há muitos médicos e médicas que fazem milagres todos os dias, em missões escondidas na mata e em desertos sociais, nas periferias das grandes cidades. Há quem cumpra seu destino, até mesmo num destes terríveis hospitais públicos, onde o heroísmo do médico é a medida diária de sua audácia. São os novos médicos – sacerdotes do nosso tempo. Eles reencontraram o sentido do sagrado, na busca das soluções para o drama do cotidiano. Mergulhados no luminoso e divertido oceano das naturalidades, estes “doutores da alegria” nos contam as histórias da criança que dorme em nossos velhos corações de cientistas. Eles nos apresentam o ratinho Frederick, de Leo Leonní, que na fria solidão do inverno, repassa aos seus companheiros previdentes, mas vazios, o seu estoque de raios de sol, de sons e de cores da vida que trouxe do mundo de lá de fora...

Melhores e mais disponíveis do que seus precursores, estes médicos que fazem um sacerdócio da sua profissão, mesmo sem o saber, em sua maioria, estão reencontrando o mais profundo arquétipo do ser, o seu verdadeiro *si próprio* paradigmático e perfeito que os transforma, ao longo da maturidade, naquilo que deveriam ter sido desde o seu nascimento espiritual: Alegres *sacerdotes, profetas e reis*.

Em palavras mais diretas, em médicos que carregam Deus em seus corações ... E que são capazes de levá-Lo aos que não O conhecem. Mesmo que estes sejam seus próprios colegas...

“Quem acende o luzeiro das estrelas? - pergunta Frederick - Quem pinta a primavera de cores e de sons e abre as comportas das nuvens para regar os mares e a terra? - São quatro ratinhos que moram no céu... Quatro ratinhos pequeninos, que fazem tudo isso. Quatro ratinhos como você e eu...”